

O RAP COMO MEIO TRANSFORMADOR NA EDUCAÇÃO: TEMATIZANDO RAP EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

EL RAP COMO MEDIO TRANSFORMADOR EN LA EDUCACIÓN: TEMÁTICAMENTE DEL RAP EN UNA ESCUELA PÚBLICA DEL MUNICIPIO DE RIO DE JANEIRO

RAP AS A TRANSFORMATIVE MEANS IN EDUCATION: THEMATIZING RAP IN A PUBLIC SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF RIO DE JANEIRO



José Jairo VIEIRA¹

e-mail: jairo.vieira@uol.com.br



Marco Aurelio Dias VIEIRA²

e-mail: coreurb63@gmail.com



Ruan Mascarenhas GORNI³

e-mail: gorniclaudio@letras.ufrj.br



Nayara da Silva dos SANTOS⁴

e-mail: nayarasilva.ns674@gmail.com



Nathália da Silva dos SANTOS⁵

e-mail: nathaliassantos2019@gmail.com



Claudio Aroldo da Paixão MEDEIROS⁶

e-mail: claudiomedeiros.arj@gmail.com



Shirleia dos Santos PEIXOTO⁷

e-mail: speixoto.adv@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professor Titular da UFRJ e Permanente dos programas de Pós-graduação em Educação e de História Comparada (UFRJ). Professor Visitante da Universidade de Aveiro, Portugal. Pós-doutorando em Educação da Universidade Federal do Pará.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licenciando de Educação Física da UFRJ.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Licenciando em Letras da UFRJ.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Graduanda em Pedagogia da UFRJ.

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – Movimentos sociais. Graduanda em Pedagogia da UFRJ.

⁶ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professor do Ensino Básico. Doutor em Educação (UFRJ).

⁷ Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil. Professora ao Ensino Básico. Doutoranda em Educação (UFRJ).

Como referenciar este artigo:

VIEIRA, J. J.; VIEIRA, M. A. D.; GORNI, R. M.; SANTOS, N. S.; SANTOS, N. S.; MEDEIROS, C.A.P.; PEIXOTO, S. S. O Rap como meio transformador na educação: tematizando Rap em uma escola pública do município do Rio de Janeiro. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 35, n. 00, e024020, 2024. e-ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v35i00.10810.



| **Submetido em:** : 25/02/2024
| **Revisões requeridas em:** 04/09/2024
| **Aprovado em:** 14/10/2024
| **Publicado em:** 30/12/2024

Editores: Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce
Prof. Dr. Paulo César de Almeida Raboni
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola do município do Rio de Janeiro, localizada na zona norte no bairro de Irajá, ela foi desenvolvida pelos integrantes de um Programa de Educação Tutorial (PET) e pesquisadores, ela ocorre no âmbito do laboratório de Pesquisa em Movimentos Sociais, Desigualdades e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN-UFRJ). A pesquisa-ação, utilizando oficinas, visou o desenvolvimento da educação antirracista. A dinâmica usada pelos pesquisadores foi a interpretação de temas emergentes que dialogam com o Rap, uma das vertentes que se inserem no meio da cultura Hip-Hop. As oficinas foram realizadas em 2023, com alunos do 3º e 4º Ensino Fundamental. Podemos concluir que a utilização da música, especialmente por meio de suas letras, proporcionou um debate com grande potencial para promover valores como respeito, diversidade, raça e comunidade, servindo, assim, como uma atividade de viés escolar antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: RAP. Educação antirracista. Poesia. Educação Básica.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en una escuela de la ciudad de Río de Janeiro, ubicada en la zona norte del barrio de Irajá, fue desarrollada por integrantes de un Programa de Educação Tutorial (PET), se lleva a cabo en el ámbito del Laboratorio de Investigación sobre Movimientos Sociales, Desigualdades y Diversidad de Cuerpo, Raza y Género (LADECORGEN-UFRJ). La investigación-acción, mediante talleres, tenía como objetivo desarrollar la educación antirracista. La dinámica utilizada por los investigadores fue la interpretación de temas emergentes que dialogan con el rap, uno de los aspectos que forman parte de la cultura hip-hop. Los talleres se realizaron en 2023, con alumnos de 3º y 4º de Primaria. Podemos concluir que el uso de la música, especialmente, brindó un debate con gran potencial para los valores de respeto, diversidad, raza, comunidad, entre otros, sirviendo como una actividad con un sesgo escolar antirracista.

PALABRAS CLAVE: RAP. Educación antirracista. Poesía. Educación Básica.

ABSTRACT: This article presents the results of a study conducted at a school in the municipality of Rio de Janeiro, located in the northern zone in the Irajá neighborhood. The study was developed by members of a Programa de Educação Tutorial (PET) and researchers within the scope of the Laboratory for Research on Social Movements, Inequalities, and Diversity of Body, Race, and Gender (LADECORGEN-UFRJ). The action research, conducted through workshops, aimed to promote antiracist education. The researchers employed a dynamic approach, interpreting emerging themes that intersect with rap, one of the elements of hip-hop culture. The workshops were held in 2023 with 3rd and 4th-grade elementary school students. It can be concluded that the use of music, particularly lyrics that facilitated discussions on respect, diversity, race, community, and related values, served as a powerful tool for antiracist education within the school setting.

KEYWORDS: RAP. Anti-racist education. Poetry. Basic Education.

Introdução: Uma saída do silenciamento

“Eu não li, eu não vi, eu vivi, eu sofri, eu sou o negro drama” (Racionais Mc's, 1997). Para início de conversa, faz-se necessário um trecho da canção que foi trabalhada durante o 4º bimestre de 2023, tempo em que estivemos na escola. Esse recorte, em específico, revela a identidade marginal protagonista da canção que irá narrar a sua vida aos seus olhos. A anáfora presente no início do verso recortado marcada pelo “Eu” é justamente o ponto de partida para os estudos dos professores em formação e demais pesquisadores que estão na alcinha de socializar o presente estudo. É a partir da síntese do verso supracitado anteriormente que é possível entender o tema central deste estudo, uma reivindicação da caneta que conta a história, ou no caso em questão, a mão que escreve ao quadro. Buscar maneiras para que a cultura afro diaspórica, mais especificamente o Rap, abra a porta da sala de aula e seja reconhecida como detentora de conhecimento e construtora de saber é uma das justificativas que conduziram os professores e professoras em formação no chão da escola. Seja no 3º ano do primeiro segmento, onde foi possível dar ritmo ao poema, facilitando sua leitura, ou no 4º ano do mesmo segmento, com a encenação de “*Negro Drama*”, dos Racionais MC’s.

O início da busca dá-se na constatação de um vazio, uma espécie de não localidade para a qual os *Eu/Egos* semelhantes a mim são destinados. Daí surge o movimento de reivindicar a caneta que narra a história, para que haja pertencimento e reconhecimento dos conhecimentos do sujeito negro. Afinal, nós somos repletos de querer ser. Essa composição de nossas sapiências ancestrais por meio de signos positivos exige, também, questionar e apontar o indicador para os atuais *modus operandi*, que tendem a ser brancos e europeus. Se deixarmos nossas histórias nessas mãos pálidas, o olhar sobre nós será apenas de relance. Não me interessa mais esse olhar estereotipado. Meus semelhantes têm muito a contribuir para uma ressignificação. Por isso, há a necessidade urgente de dar voz aos “mudos”, pois:

Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o que? E o saber de quem? (Kilomba, 2019, p. 7).

Percebe-se, então, que uma das características essenciais da pesquisa é romper com o silenciamento. Esse rompimento manifesta-se de forma subjetiva, ao evidenciar que há muita

fala e conhecimento no grupo escolar que não são devidamente ouvidos, e de forma objetiva, ao trabalhar com a canção, ou seja, vai ter barulho.

Essas características do grupo alinham-se à pesquisa-ação, uma abordagem metodológica que combina investigação e prática. Essa abordagem é amplamente utilizada em contextos que buscam compreender e aprimorar práticas ou situações específicas, por meio de um ciclo contínuo de observação, reflexão, planejamento e ação. A pesquisa-ação não apenas visa entender uma realidade específica, mas também transformá-la de maneira colaborativa e participativa, promovendo um processo cíclico e integrado de ação e reflexão. O Programa de Educação Tutorial (PET), localizado no Laboratório de Diversidade, Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN), proporciona aos integrantes, os petianos, total autonomia para o desenvolvimento de saberes que melhor se ajustem às demandas da sala de aula.

Um dos debates presentes na análise do Rap é certamente o relacionado ao preconceito racial. Desta forma, essa atividade deve ser revista também como uma atividade inserida dentro de uma proposta de educação antirracista, como sendo uma micro-ação afirmativa de forma significativa em contexto escolar (Ferreira; Vieira, 2021).

Nesta perspectiva, a educação antirracista é pressuposta na Lei n.º 10.639/03. Contudo, a implementação dessa Lei na esfera escolar, segundo Pereira Mota e Santos Cruz (2023), tem esbarrado em quatro grandes dificuldades: os livros didáticos, a formação continuada dos professores, o currículo e o contexto político atual.

Na busca da superação desses obstáculos faz necessário uma nova epistemologia, respaldada em uma visão decolonial em todas os âmbitos escolares (Milagres; Peixoto; Vieira, 2023). A ausência de um referencial diferenciado, somada às dificuldades de implementação da Lei, contribui para desencadear uma subjetividade negativa nos alunos negros, marcada por visões depreciativas em relação à negritude. Diante dessa diversidade de subjetividades, os gestores e professores devem adotar uma postura crítica e antirracista (Costa; Queiroz; Muniz, 2024).

A escolha para tal metodologia foi crucial para que o Ritmo e Poesia ganhasse caráter interpretativo e encenativo, integrando uma educação que pense para além do papel e caneta e dialogasse com a escola. Essa escola, localizada no município do Rio de Janeiro, desenvolveu no bimestre o projeto “*Corpo, Poesia e Movimento*”, com a temática de *projetar um futuro sem bullying, preconceito e racismo*. O aprendizado ao nosso olhar é vibração do corpo, é entendimento do que reflete o espelho, é resgatar o que os mais antigos sabem para aprender e

construir no presente. A educação não pode se limitar ao giz e cuspe, nem à domesticação dos sujeitos mais diversos.

Métodos de coleta de análise de dados

Para avaliar o desenvolvimento metodológico foram utilizados três instrumentos principais de coleta de dados:

- **Observações em sala de aula:** Durante as atividades, as reações e participações dos alunos foram registradas pelas professoras. Notou-se como a combinação de Rap e poesia influenciou o engajamento e a interação entre os alunos.
- **Registros por meio de formulários:** As impressões das professoras e os resultados das atividades foram sistematizados em formulários digitais. Essas informações foram analisadas qualitativamente, buscando evidências do impacto da abordagem no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e interpretação.
- **Conversas informais com os alunos:** Durante o projeto, os alunos compartilharam suas percepções sobre o uso do Rap como ferramenta pedagógica. Esses relatos forneceram insights sobre como a música e a poesia contribuíram para uma maior compreensão das temáticas trabalhadas.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente, com foco na identificação de padrões de engajamento e nas mudanças perceptíveis na compreensão dos alunos sobre as questões abordadas. A análise destacou como a integração de práticas culturalmente relevantes, como o Rap, transformou a experiência de aprendizagem.

Educação antirracista com ritmo e poesia

“Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. A frase é da filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense Angela Davis. Esse pensamento inicial é crucial para refletirmos o Brasil e sua sociedade. Toda a estrutura brasileira, desde a invasão

colonial, foi construída com alicerces racistas contra a comunidade negra, marcados por proibições, escravização, aniquilação, violência sexual e humilhação.

Assim sendo, o povo negro brasileiro é assombrado pelo trauma da invasão, dificultando um olhar de autoestima para as suas raízes. Há também uma poderosa força externa racista que, conseqüentemente, marginaliza a comunidade negra, tornando-a vítima de situações constrangedoras, discriminatórias e de agressões físicas em razão de sua raça e religião. A escola, enquanto equipamento social, não está isenta de ser um local reprodutor de racismo. Dessa maneira, uma escola verdadeiramente saudável precisa também ser uma escola antirracista.

O antirracismo é um conjunto de ações que auxiliam no enfrentamento e combate ao racismo. Uma dessas ações do antirracismo é a concepção das mais diferentes culturas presentes em sala de aula. Reconhecer que a cultura negra é conhecimento exige a dolorosa reflexão sobre como a escola, enquanto estrutura de poder, frequentemente nega o acesso ao conhecimento a sujeitos negros por conta de sua origem.

O estudo em questão busca socializar o ritmo e a poesia (Rap), frequentemente marginalizados pelo olhar hegemônico branco, que os associa a um lugar de déficit cultural ou os define a partir de estereótipos negativos. Essa visão reforça a necessidade de problematizar o que se entende por conhecimento, pois as leituras acadêmicas e científicas muitas vezes ignoram ou inferiorizam o “ego negro”, perpetuando estigmas e estereótipos racistas.

Por isso, para que as práticas pedagógicas abarquem a cultura negra de modo a inverter esse *modus operandi* para um espelho que contemple o sujeito negro de modo digno, ressignificar é o que há, mas entenda que:

Reinventar não é negar o já construído. Reinventar supõe fazer dialogar com o já elaborado com as novas questões e perspectivas que interpelam a educação. Reinventar supõe reconhecer distintas formas de se construir conhecimento. Reinventar desafia a nós, educadores e educadoras, a propor novos enfoques pedagógicos que permitam dar respostas significativas aos desafios da educação na contemporaneidade (Candau, 2020. p 22).

Acreditava-se que a escola, assim como as leis (iguais a todos os cidadãos) deveria homogeneizar as crianças em relação a seus pensamentos. Essa problemática, explicitada por Ferreira, é identificável quando se analisa os currículos escolares brasileiros no século XXI. No Brasil, as escolas tendem a atribuir valor somente aos autores provenientes da Europa, que são

os ditos cânones, gerando o efeito de apagamento da cultura dos africanos escravizados que com mão de obra especializada foram os responsáveis pela construção do “tudo” brasileiro.

É importante destacar que a padronização não se restringe ao currículo, mas permeia todo o sistema escolar. De maneira violenta, o sistema tende a tratar todos os sujeitos como homogêneos ao uniformizar as organizações de espaços e tempos, os processos de avaliação, as dinâmicas de aula, as estratégias de ensino e, principalmente, aquilo que é concebido como saber científico. A monoculturalidade invisibiliza a pluralidade dos sujeitos e, ao considerar seus saberes distintos do cânone, os rotula como portadores de um “*déficit cultural*”.

Conceber o sujeito negro em posição de autoridade para falar das complexidades que o cerca e principalmente para poder entender que há maneiras diferentes de chegada ao conhecimento científico, não é de interesse daqueles que são detentores do poder. Em suma maioria, os responsáveis pela elaboração da ementa escolar são homens e brancos, o que resulta em estudos e procedimentos escolares que se distanciam, de muitas maneiras, dos sujeitos negros.

Por esse currículo contemplar uma única cultura, ocorre a desvalorização das diferentes maneiras de se chegar a dado conhecimento e uma estigmatização das mesmas. Surge, a partir dessas reflexões, a necessidade de conceber as diferenças como uma vantagem pedagógica para a comunidade preta escolar, a partir de um currículo que insira e pertença também ao aluno negro.

O ritmo e a poesia preta

O ritmo e a poesia da favela são pretos. Não é o intuito da presente pesquisa esmiuçar todos os detalhes e trajetórias do Rap brasileiro, mas sim entender de que maneira as suas características, aspectos sociais, de identidade e denuncia se mostraram presente de maneira orgânica quando os professores em formação estiveram presente na escola.

O Rap mostra-se ser um excelente professor, pois a partir dos seus conhecimentos é possível chegar a diferentes conhecimentos e formar seus ouvintes social e politicamente. Tirar as vendas daqueles que estão excluídos da cidade e abastecidos de violência, pobreza e preconceito não é de interesse daqueles responsáveis por tais arquiteturas. A partir da poesia e

do ritmo periféricos, abre-se a possibilidade de restituir a autoestima e criar um espaço onde se possa ouvir o combate ao preconceito e a afirmação da negritude.

Rap e educação

O que “Eles me trazem sou Eu” é, também, um dos fios condutores de toda a ação dos professores em formação e dos pesquisadores, que, em certo aspecto, se assemelha ao conceito de tempo espiral. Entenda que, para haver um entendimento do que se trata o tempo espiralar, é preciso haver um distanciamento do que se acredita ser o tempo a partir dos conceitos ocidentais. O passado não está findado porque passou. Como exemplo disso, pode-se observar a história de como se deu a nossa chegada à escola com a prática pedagógica voltada para o Rap.

Os professores em formação e os pesquisadores, responsáveis pela ação aqui registrada, adentram esse espaço com o letramento dado pelo Rap. No presente, ao contribuir para a formação dos discentes na escola do subúrbio carioca, é o Rap que também assume um local de protagonismo, pois foram eles que trouxeram elementos da cultura Hip-Hop, já difundidos entre eles. A vontade de ser detentor de conhecimento, e não apenas um mero receptor, mostra-se presente, seja a nível de graduação, seja a nível de educação básica, o que permite observar a possibilidade de protagonismo do Rap nessa tentativa de “ser”.

Tematização do Rap na escola

As oficinas foram realizadas no segundo semestre de 2023, nos últimos dois bimestres da escola. A metodologia adotada foi a de oficinas, visando a participação ativa dos participantes, promovendo a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades específicas por meio de atividades planejadas e estruturadas. Nossa primeira oficina foi para apresentar o Hip-Hop e conversar com os estudantes sobre seus gostos musicais, além de mapear essas preferências. Apresentamos também o nosso projeto e as músicas que gostaríamos de compartilhar com eles.

Em um segundo momento, criamos uma lista com os MC's que são as referências dos alunos para os seus gostos musicais (Rap, Funk e Trap). Por último, nós, os professores em

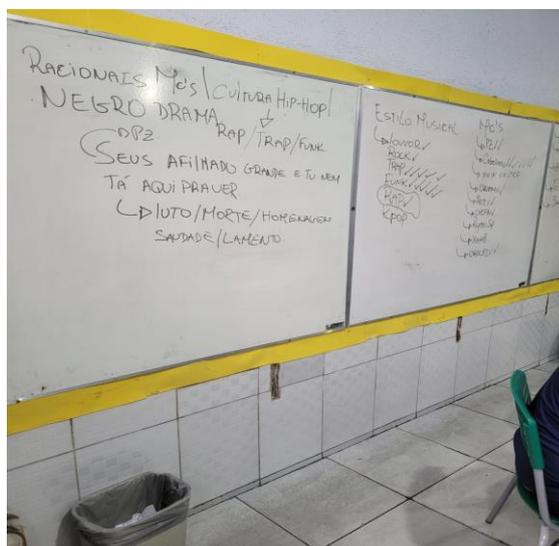
formação, apresentamos quais são os nossos gostos e Mc's, dando ênfase para os Racionais MC's. Após fazermos esse mapa mental da turma, demos uma breve explicação para os mesmos sobre quais são os elementos da cultura Hip-Hop. Fizemos um círculo na sala e passamos a ouvir as músicas que eram de interesse da turma. Neste momento, houve um incentivo para que os alunos deixassem de ser ouvintes e passassem a ser interlocutores, o que levou à análise de duas músicas: “Mundo Covarde” de MC Poze do Rodo e “Negro Drama” dos Racionais MC's. O convívio dos discentes com essas canções deu-lhes autoridade e autoestima para realizar a análise.

Imagem 01- Primeira oficina com estudantes do 4º ano



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Imagem 02 – Registros no quadro da primeira oficina com alunos do 4º ano



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Na segunda oficina, realizamos o “pique *break*”, uma atividade cujo objetivo era colocar as crianças em contato com os movimentos do *break dance*, utilizando o lúdico do brincar com o pique. A dinâmica consistia em um “pegador”, cuja função era “pegar” os colegas, fazendo com que ficassem paralisados, “colados”. Para que pudessem se mover novamente, os estudantes que não haviam sido “colados” tinham a função de “descolar” seus amigos. Porém, para que isso acontecesse, os alunos (um de frente para o outro) precisavam dançar um passo de *break*, permitindo que o pique seguisse.

Imagem 03 -Segunda Oficina



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Já na terceira oficina, usamos a imagem em ação como meio para expor aos estudantes os conteúdos do Hip-Hop. Nessa atividade, as crianças foram divididas em grupos, e cada grupo recebeu uma música e/ou elementos do Hip-Hop para que os outros grupos adivinhassem o que era. Na quarta oficina, foi a vez de interpretarmos as batalhas de dança. O objetivo dessa oficina era colocar os estudantes na elaboração de seus passos de dança, os grupos foram separados de acordo com a afinidade de cada um, deixamos que eles se dividissem em grupos.

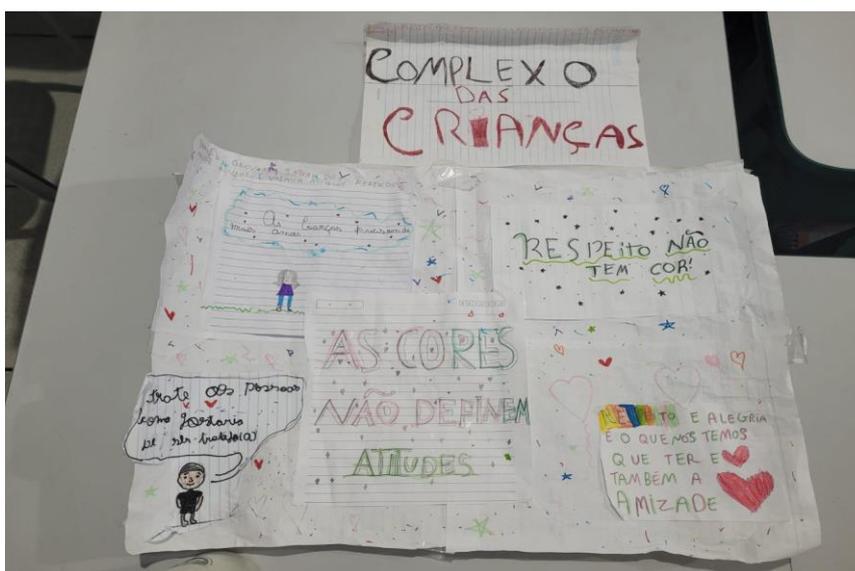
Imagem 04 - Quarta oficina



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Na quinta e última oficina, o grafite ganhou destaque. A proposta era fazer os estudantes entrarem em contato com esse elemento do movimento Hip-Hop. Levamos papéis e cartolinas para que eles expressassem os desenhos que desejassem, com a única exigência de que os conteúdos trabalhados até o momento estivessem presentes nas produções.

Imagem 05 - Quinta oficina



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Imagem 06 - Registro da Exposição da interpretação dos Grafites



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Com isso, conseguimos alcançar um dos elementos importantes da cultura preta: o hip-hop, mais especificamente a canção “*Negro Drama*” do grupo Racionais MC's. De maneira conjunta, atingimos a proposta inicial e, em alinhamento com as atividades que os grupos propuseram, alcançamos os objetivos planejados. No entanto, os pais não acolheram essa proposta do Hip-Hop, alegando que seus filhos não interpretariam a música. Para que os filhos participassem da apresentação final, foi sugerido que a música fosse alterada.

Então, a partir das exigências e entendendo que a visão dos pais não era a mesma que a dos estudantes, tivemos que alterar o modo da apresentação, mas compreendemos que o nosso objetivo foi alcançado, pois conseguimos inserir o conteúdo do Hip-Hop no currículo escolar. Apesar do contratempo, em que parte dos pais não compartilhava da mesma disposição de ver o hip-hop na escola, percebemos um impasse. A resistência, em grande parte, veio de famílias da comunidade e, ao escutarmos os relatos dos estudantes sobre o que ouvem onde vivem, notamos que essa resistência está profundamente ligada a uma questão identitária: uma negação do próprio reflexo.

Educação e cultura: O Rap como ferramenta transformadora no ambiente escolar

A escola, enquanto espaço de formação humana, desempenha um papel crucial na construção de cidadãos críticos e conscientes, especialmente em um contexto em que problemas sociais, como racismo, preconceito e *bullying*, ainda são prevalentes. Mais do que transmitir conteúdos acadêmicos, o ambiente escolar deve promover práticas que estimulem o diálogo, o respeito mútuo e a valorização da diversidade cultural. Nesse sentido, o projeto “*Corpo, poesia e movimento*” surge como uma resposta às demandas contemporâneas por uma educação mais inclusiva e significativa, integrando elementos culturais relevantes para os alunos e proporcionando um espaço de acolhimento para debates sobre temas sensíveis.

O projeto utiliza o Rap como ferramenta pedagógica transformadora, abordando questões sociais complexas por meio da análise da poesia “*Diversidade*”, de Bráulio Bessa, especificamente com a turma do 3º ano dos anos iniciais. A escolha do Rap é estratégica, pois, apesar de muitas vezes marginalizado em contextos formais, ele possui forte conexão com o público jovem e uma história de resistência, sendo um meio eficaz de engajamento e reflexão. Com sua estrutura poética e rítmica, o Rap não apenas facilita a compreensão literária, mas também valoriza as culturas urbanas que fazem parte do cotidiano de muitos estudantes, fortalecendo sua identidade e senso de pertencimento.

No entanto, a implementação de práticas como essas exige atenção a possíveis desafios, como resistências por parte da comunidade escolar ou limitações impostas pelo currículo tradicional. Para mitigar esses obstáculos, o projeto busca criar estratégias que promovam a integração entre escola, famílias e comunidade, fomentando um ambiente de colaboração e apoio. A realização de eventos finais, onde alunos apresentam suas produções, é um exemplo de como o projeto tenta ampliar a conscientização e o envolvimento social, garantindo que a abordagem alcance seus objetivos de forma eficaz e impactante.

Ao romper com uma visão tradicional da literatura, o projeto propõe uma abordagem interdisciplinar que une música, poesia e educação social. O Rap, com seu apelo cultural e potencial crítico, não é apenas um meio de expressão, mas também uma ponte para a construção de um aprendizado mais significativo e alinhado às realidades dos alunos. Com isso, o projeto reafirma o papel transformador da educação, valorizando formas contemporâneas de expressão cultural e contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e diversa.

Análise da poesia “Diversidade” de Bráulio Bessa

A metodologia do projeto, com a turma do 3º ano do ensino fundamental I, teve como ponto central a análise da poesia “Diversidade” de Bráulio Bessa, que foi estrategicamente escolhida por abordar temas como respeito, empatia e valorização das diferenças de maneira acessível e culturalmente relevante. Destinada aos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, a poesia serviu como base para promover reflexões sobre questões sociais, como racismo e desigualdade, e incentivar os alunos a expressarem suas perspectivas.

A análise foi conduzida por meio de práticas pedagógicas dialógicas, inspiradas nos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, permitindo que os alunos interpretassem os versos da poesia de forma ativa. Esse processo incluiu momentos de leitura compartilhada, discussões em grupo e conexão com experiências pessoais, criando um espaço seguro para os alunos explorarem suas ideias e sentimentos. A abordagem também buscou incorporar o Rap como uma ferramenta mediadora. A musicalidade do Rap, ao ser combinada com os versos do poema, ajudou os alunos a entenderem conceitos complexos, promovendo um aprendizado significativo e engajado.

Além do conteúdo literário, os alunos foram incentivados a analisar as mensagens implícitas e explícitas da poesia, relacionando-as com a realidade em que vivem. A introdução do Rap como ritmo de leitura e declamação surgiu de forma espontânea, mas se mostrou uma estratégia eficaz para facilitar a memorização e a compreensão do texto, conectando o conteúdo com a cultura popular que faz parte do universo das crianças.

Considerações finais

A presente pesquisa evidencia a importância de práticas pedagógicas que valorizam as diferentes identidades culturais e raciais, desafiando as normas tradicionais de ensino e promovendo uma educação crítica e transformadora. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de construir um currículo antirracista que rompe com a abordagem eurocentrada predominante nas escolas, que frequentemente marginaliza e distorce as contribuições e realidades de culturas não europeias. O “empretecimento do meio escolar” propõe uma ruptura com a estrutura política-educacional europeia/burguesa, reivindicando um espaço que reflita e valorize a pluralidade cultural.

Reforça-se a utilização do Rap e do Hip-Hop como ferramentas pedagógicas eficazes. Com sua estrutura poética rítmica e profundo enraizamento na cultura popular, o Rap possibilita a interpretação de narrativas que dialogam diretamente com as vivências dos alunos, criando identificação e ressignificando conteúdos tradicionalmente apresentados de forma homogênea e excludente. Já o Hip-Hop, quando inserido dentro do currículo escolar, promove um deslocamento do modelo hegemônico, criando um ambiente que acolhe e potencializa as vozes que antes eram silenciadas.

Dessa forma, a pesquisa-ação presente reafirma que a escola deve ser um espaço de escuta ativa e de liberdade para os alunos se expressarem. Esse ambiente escolar favorece a troca ativa entre docentes e discentes, permitindo que ambos contribuam de maneira significativa para projetos e atividades pedagógicas. Projetos como esses são essenciais para a construção de uma educação compartilhada, que promove a autonomia dos alunos e os capacita a construir e argumentar suas próprias visões de mundo.

Assim, a escola se torna um espaço onde diferentes culturas coexistem e são valorizadas, em conformidade com a Lei n.º 10.639/2003, que estabelece que o currículo escolar deve abranger as diversas culturas. Esse ambiente fortalece o senso crítico dos estudantes, oferecendo-lhes ferramentas para compreender e questionar a estrutura social e política que os marginaliza.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, V. Didática: Didática novamente em questão: fazeres-saberes pedagógicos em diálogos, insurgências e políticas. *In*: CANDAU, V.; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. **Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- COSTA, T. T.; QUEIROZ, M. V. O.; MUNIZ, E. A. Racismo e formação da subjetividade da pessoa negra: Antecedentes históricos e perspectivas da educação escolar. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 25, n. 00, p. e024004, 2024. DOI: 10.30715/doxa.v25i00.17976. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/17976>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BESSA, B. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- FERREIRA, E. S.; VIEIRA, J. J. Infância e Microações Afirmativas em Contextos Significativos. **Educação e Realidade Edição eletrônica**, Porto Alegre, RS, v. 46, p. 1-17, 2021. DOI: 10.1590/2175-6236107778. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/FtRkKbYcpHpfKY9ZHpcyRQR/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MILAGRES, A. O.; PEIXOTO, S. S.; VIEIRA, J. J. Pedagogias decoloniais: diálogos, discussões e reflexões insurgentes para (des/re)construções de fazeres e saberes na educação. **Peer Review**, [S.L.], v. 5, p. 118-138, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368867906_Pedagogias_decoloniais_dialogos_discussoes_e_reflexoes_insurgentes_para_desreconstrucoes_de_fazeres_e_saberes_na_educacao. Acesso em: 15 jul. 2024.
- PEREIRA MOTA, M. E.; SANTOS CRUZ, J. A. Mapeamento Sistemático da literatura sobre a Lei 10.639/03, do Parecer CNE/CP 3/2004 e seus impactos insatisfatórios na BNCC. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 16, n. 00, p. e023006, 2023. DOI: 10.26843/ae.v16i00.1244 . Disponível em: <https://ouci.dntb.gov.ua/en/works/45vjNajl/>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- RACIONAIS MC`S. **Negro Dama**. Música, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o50J2xg8-sU>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** O presente trabalho foi realizado com apoio da UFRJ.
 - Financiamento:** Recebeu recursos no formato de bolsa PET-FNDE, PQ-CNPQ, Print-CAPES.
 - Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.
 - Aprovação ética:** Não aplicável.
 - Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
 - Contribuições dos autores:** A contribuição dos autores ocorreu na concepção, planejamento, análise, interpretação textual, redação e revisão intelectual crítica e trabalho de coleta de dados, tendo todos se responsabilizado pela aprovação final do texto para publicação.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

